

---

## **A reivindicação de plataformas midiáticas por povos indígenas nas Américas: uma análise do Povo Paiter Suruí na Amazônia.<sup>1</sup>**

Ana Clara B. Caldas<sup>2</sup>  
Universidade da Amazônia– UNAMA

### **Resumo**

Este trabalho busca compreender como o povo Paiter Suruí tem integrado tecnologias digitais e contemporâneas, como drones, GPS e plataformas de sensoriamento remoto, aos saberes indígenas na conservação da floresta amazônica, e como essa prática contribui para a produção de conhecimento do campo da comunicação cidadã e popular, considerando os usos estratégicos da tecnologia em contextos comunitários e culturais. As discussões indicam que essas práticas comunicacionais contribuem para a consolidação da cidadania, da diversidade e do desenvolvimento regional a partir de uma lógica não hegemônica e territorialmente situada. De forma geral, este trabalho reflete sobre como os povos das américas podem contribuir para a conservação de seus território e o fortalecimento da sua autonomia perante a sociedade.

**Palavra-chave:** povos indígenas; Amazônia; comunicação intercultural; tecnologias digitais; comunicação.

### **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

O avanço do desmatamento e a exploração ilegal de recursos naturais na Amazônia colocam em risco a floresta e os modos de vida dos povos indígenas. Nesse cenário, os Paiter Suruí, em Rondônia, aliam tecnologias digitais, como drones, GPS, sensores remotos e o mercado de carbono, aos saberes tradicionais para conservar seu território e garantir o futuro de sua ancestralidade. A produção de conhecimento em comunicação, historicamente marcada por epistemologias eurocêntricas (SANTOS, 2010), tem sido desafiada por práticas locais que unem inovação e tradição. Os Suruí, ao apropriarem-se de plataformas digitais, redes sociais e tecnologias de mapeamento, criam práticas de comunicação cidadã e intercultural (AMADEU, 2017; MENEZES; SANTOS, 2022). Este trabalho busca compreender como essas ações contribuem para o campo da comunicação e ampliam o diálogo entre os povos indígenas da Amazônia brasileira e das Américas.

### **POVO PAITER SURUÍ: TERRITÓRIO, CULTURA E USO DA TECNOLOGIA NA CONSERVAÇÃO DA AMAZÔNIA**

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no 10º Colóquio Brasil-Estados Unidos de Estudos da Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Bacharel em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda na UNAMA. E-mail: [anaclarabcaldas@gmail.com](mailto:anaclarabcaldas@gmail.com)

---

Os Paiter, habitam a Terra Indígena Sete de Setembro, entre Rondônia e Mato Grosso, com cerca de 248 mil hectares de floresta e quatro clãs principais (ISA, 2022). O contato com o Estado em 1969, com a abertura da BR-364, causou perdas populacionais e culturais severas (KOPENAWA; ALBERT, 2015). A partir da década de 1980, iniciou-se um processo de reorganização e fortalecimento político, com alianças estratégicas (RIBEIRO; OLIVEIRA, 2022). A cultura Suruí combina práticas tradicionais com tecnologias contemporâneas, como a produção audiovisual, a presença em redes sociais, além da formação de lideranças jovens fortaleceram sua autonomia e identidade (VENTURINI, 2023).

O povo Paiter, possuem destaques dentro de iniciativas sustentáveis como o projeto REDD+ Suruí, primeiro projeto indígena a emitir créditos de carbono no mercado voluntário (SOUZA et al., 2023). A partir de 2007, o etnomapeamento com GPS marcou a integração entre saber tradicional e tecnologia, ampliando a vigilância e o planejamento territorial (ISA, 2022). Com apoio de parceiros como IPAM e Google, os Suruí incorporaram drones, cartografia digital e sensoriamento remoto às estratégias de conservação (SOUZA; GONÇALVES, 2021), tornando-se referência em monitoramento participativo (MENEZES; SANTOS, 2022). Essas ferramentas não substituem o saber ancestral, mas o fortalecem, tornando a comunicação um instrumento de governança, resistência e posicionamento político (SANTOS, 2010; SMITH, 2018).

## **POVOS INDÍGENAS NO BRASIL E NOS ESTADOS UNIDOS: CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS NA CONSTRUÇÃO DE UM DIÁLOGO PANAMERICANO**

A comparação entre os povos indígenas do Brasil e dos Estados Unidos permite refletir sobre processos históricos distintos de colonização, mas também sobre experiências comuns de resistência, apagamento e produção de saberes próprios, que ajudam a fortalecer um diálogo interamericano necessário no campo da comunicação e da cidadania.

Comparar os povos indígenas do Brasil e dos Estados Unidos revela contextos distintos de colonização, mas trajetórias comuns de resistência. Nos EUA, tribos como os

---

Navajo e Lakota enfrentaram remoções forçadas e confinamento em reservas, mesmo sob o status legal de soberania tribal (SMITH, 2021). Apesar disso, desenvolveram mídias próprias como rádios e jornais indígenas. No Brasil, apesar do reconhecimento dos povos indígenas dentro Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), a realidade impõe conflitos territoriais e racismo estrutural. Povos como os Paiter, vêm se destacando com mídias autônomas, redes digitais e documentários (MENEZES; SANTOS, 2022). A luta por territórios, linguagens e representação atravessa as Américas, conectando experiências que propõem novas formas de comunicar e existir.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência comunicacional do povo Paiter Suruí representa uma das expressões mais avançadas de inovação social e produção de conhecimento desde os territórios tradicionais da Amazônia. Ao integrar tecnologias digitais a práticas ancestrais, os Suruí constroem uma forma própria de comunicar, ensinar, proteger e existir. Essa prática desafia modelos acadêmicos centrados na universidade como única fonte de saber e propõe uma extensão dialógica e transformadora (SOUZA; LIMA, 2022). O estudo reforça que os povos indígenas não são apenas beneficiários de políticas públicas ou temas de pesquisa, mas produtores de conhecimento, cultura e inovação (SANTOS, 2010; VENTURINI, 2023). Ao pensar a comunicação a partir do território, da diversidade e da colaboração, a experiência dos Suruí contribui para fortalecer os laços entre as Américas e propõe novas rotas para o campo da comunicação, pautadas pelo respeito, escuta e justiça cognitiva.

## Referências

- AMADEU, Sérgio. **Tecnopolítica: a democracia e o poder na era da internet**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2017.
- ISA – Instituto Socioambiental. Monitoramento territorial e ambiental indígena na Amazônia: experiências de autodefesa. São Paulo: ISA, 2022.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- MENEZES, Lara; SANTOS, Caio. **Cidadania digital e resistência indígena nas redes: territórios em disputa**. Revista E-compós, v. 25, 2022.

RIBEIRO, Juliana; OLIVEIRA, Marcos. **Tecnologias situadas e saberes indígenas: interações na Amazônia contemporânea.** Cadernos de Comunicação e Sociedade, v. 5, n. 1, 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Epistemologias do Sul: justiça contra o epistemicídio.** São Paulo: Cortez, 2010.

SMITH, Linda Tuhiwai. **Decolonizing methodologies: research and indigenous peoples.** 3. ed. Londres: Zed Books, 2018.

SOUSA, Karine et al. **Povos indígenas e inovação sociotécnica: tecnologias para o bem viver.** Revista Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, v. 23, n. 3, 2023.

SOUSA, Érica; GONÇALVES, Rafael. **Tecnologias indígenas e cosmopolíticas do território.** Revista Territórios e Fronteiras, v. 14, n. 2, p. 55-72, 2021.

VENTURINI, Bárbara. **Epistemologias do território: pesquisa decolonial com povos tradicionais.** São Paulo: Intercom/Estação Liberdade, 2023.